ANO 11.º — Sexta-feira, 29 de Novembro de 1918 — Numero 549

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Na hora do triunfo

—(*)—

O triunfo dos aliados é um facto. E melhor diriamos que é um facto a vitória de toda a humanidade. Com efeito, com a vitória dos aliados afirma-se o progresso politico e social dos povos, dá-se um grande, um assombroso passo para a frente. A democratisação de toda a Europa avançou formidavelmente. E' aos aliados que se deve esta admiravel conquista. Não o esquecerá a memoria comovida das gerações; não o esquecerá a Historia, que a este facto dedicará as suas paginas mais belas e mais imorredouras.

Quanto lhes deve o presente e o futuro! Quanto devem a essa Belgica martir, especie de David desafiando um Golias colossal, que não hesitou em cumprir um alto dever moral, embora isso lhe custasse a terra e a liberdade da patria! Quanto devem á França, mais do que nunca o país tradicional do heroismo e do sacrificio, paladino audaz em quem reviam, a toda a hora, a bravura de Roland e a fé de Joana d'Arc! Quanto devem á Inglaterra, a patria da liberdade, sempre orientada nas novas concepções dos direitos populares, nação em que o culto pela honra é tão grande quanto a sua tenacidade é imensa, e que tranquilamente se dispôz a lutar dez, vinte, cem anos, se fosse preciso, até que o imperialismo germanico fosse esmagado! Quanto devem aos Estados Unidos, que vão dar a definição exata e luminosa das aspirações comuns, empenhando-se em contrapôr á formula materialista e brutal do Bismark: *A força sobreleva ao direito* a formula idealista e humana de Wilson: *O direito sobreleva á força!* Quanto devem á Italia, o país do sol e da beleza, em que a liberdade tem um altar sempre florido, e em que o espirito de Garibaldi revivêu no peito de Gabriel de Anunzio, cantando as glorias da sua terra, as sublimidades da sua raça, e as reivindicações do seu ideal!

Ao pé destas nações, outras se enfileiraram, como a Servia intemerata, a Romenia, o Montenegro, o Japão, e seja-nos ainda licito destacar duas, em que os sentimentos do coração e os ditames da consciencia se formulam, no verbo eloquente, pela mesma lingua que falou Camões. Uma dessas nações foi o Brazil, que póde orgulhar-se de ter, pela voz de Ruy Barbosa, gloria excelsa da mentalidade de todos os tempos, inscrito nos programas da democracia universal este principio basilar: *Não se póde ser neutral perante um crime;* o Brazil, que de alma e coração entrou na guerra, quando os Estados Unidos tomaram a iniciativa da participação da America, o que tudo fez para provar aos aliados que todos os seus recursos estavam ao seu dispôr. E a outra, Portugal, é a nossa sempre bela e sempre gloriosa patria, que mais uma vez se decidiu a todos os sacrificios para honrar os seus compromissos, para defender a civilisação a que pertence, e contribuir, quanto em suas forças caiba, para a emancipação definitiva da humanidade.

Sofremos horas de angustia. Chegados ao inicio do quinto ano de guerra, e quasi a ponto de perfazer dois que entrámos em campanha, a fóme ameaçava-nos, e a escassez dos nossos recursos tornava as perspetivas do futuro mais sombrias em Portugal do que nos outros países. Mas nunca a fé nos abandonou, nunca pensámos em capitular, nunca admitimos sequer a hipotese duma resistencia, duma renuncia, dum abandono. Iriamos até ao fim, custasse o que custasse, e não seria nunca por Portugal que os imperios centraes abririam brecha no pacto dos aliados.

Soou a hora do triunfo. Deve ter tambem soado a hora da justiça. Ela será feita a todos, e nada a poderá evitar. Aqueles que prepararam a intervenção na guerra, aqueles que a mantiveram, aqueles que sempre se empenharam em que Portugal fôsse até ao fim, sejam quem fôrem, estejam onde estiverem, qualquer que seja a sua parcialidade politica, tenham ou não hoje uma acção no governo do país, devem ser, todos, considerados benemeritos da Patria.

Falando pela bôca sagrada da verdade, assim o dizemos com a mais justa e imparcial isenção.

Subsistencias

Segundo as nossas informações, em bréve será de novo entregue ás autoridades civis a direcção deste serviço, sob a fiscalisação do seu novo encarregado o sr. Afonso Perdigão, veterinario distrital.

O que se impõe, sem duvida, é o barateamento de muitos géneros que pela sua abundancia de agora estão em aberta dissidencia com o preço estabelecido na tabela atual.

Aguardemos, pois, as medidas que por certo serão adotadas.

TRANSCRIÇÃO

Deu-nos a honra de inserir nas suas colunas o artigo—*A morte do abutre*—do nosso distinto colaborador Humberto Beça, o antigo semanario republicano *O Benaventense*, ao qual agradecemos.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ala*.

Governador Civil

Assumiu já as funções inerentes ao seu cargo, o novo governador civil do distrito, sr. dr. José da Costa Pereira.

Tem s. ex.ª visitado alguns concelhos, dizem-nos, com o intuito de conhecer de perto as suas mais urgentes necessidades, a fim de providenciar de fórma a modifica las dentro da possibilidade da ocasião.

Oxalá assim seja, devendo especialmente merecer toda a atenção de s. ex.ª a g áve questão das subsistencias, que continua pezando de uma fórma brutal sobre o povo exausto já por tão prolongada e vil exploração, cuja unica causa é a ganancia miseravel do negociante.

Cumprimentando o novo chefe do distrito, fazemos ardentes votos para que ele corresponda á sua delicada tarefa e pezado encargo.

Um documento

—(*)—

A conciliação da familia portuguêsa é condição essencial para que o país se não afunde

Convidado a dar o seu parecer sobre o estado atual da politica portuguêsa, *A Opinião*, jornal da noite muito lido em Lisboa, publicou a seguinte carta do antigo e dedicado republicano de Ovar, dr. Domingos Lopes Fidalgo, carta onde o seu autor não só sintetisa a integridade dos seus principios, como mostra quão almejado é o desejo de vêr a Republica progredir e com ela o país que escolheu essa fórma de govêrno para presidir aos seus destinos.

Vejâmos, pois, como se pronuncia o velho republicano, ex governador civil de Aveiro, a cujo distrito pertence:

Ovar, 3 de novembro.

Meu amigo:

Recebi a carta de v. com data de 26 do passado, a 30 do mesmo mez, e não respondi logo por excesso de trabalho.

Claro está que só por mero e grande favor seu é que eu podia ser contado no numero dos que pódem ter opinião, que valha, não devendo corresponder a essa gentileza com uma escusa, embora justificada.

Eu creio que não ha dentro do regimen duas opiniões ácêrca de revoluções e da tão falada pacificação da familia portugueza. Todos as condenam e a desejam... quando estão no poder, mas, como elas não se evitam com perseguições nem a paz se póde estabelecer a cavalo-marinho, a oposição—jacobina vermelho, ou jacobina azul, pois em Portugal só ha extremos—conspira por norma, como unico meio, diz ela, de pôr côbro aos desmandos do Poder. Os vencedores são patriotas; os vencidos são bandidos. Como todos tem sido—refiro-me aos politicos—vencedores e vencidos, ou são todos patriotas ou todos bandidos!

E no entanto a pacificação é condição indispensavel para que este pobre país se não afunde, para que sobreviva á tempestade que se avisinha.

Divergir, entre os politicos, é injuriar, é difamar de modo que eles estão separados por agravos pessoaes. Poderão, apesar disto, congraçar-se sem que percam qualquer coisa da sua dignidade?

Estes, se são sincéros, como devo acreditar, vêem na realeza a felicidade da Patria e por isso não pódem apoiar a Republica para a vêr consolidar e prosperar, pois neste caso aderir-lhe-iam. Logo o apoio momentaneo não póde deixar de ser movimento tatico para derribar na primeira oportunidade. Ora eu sou dos que ainda fiam da Republica o engrandecimento do meu País e por isso desejo-o entregue a republicanos, que o administrem com honestidade, inteligencia e tolerancia mesmo levada ao limite do perigo.

Aí tem a sua amabilidade paga com a impertinencia desta.

Disponha das utilidades do que com toda a consideração se subscreve

De v. etc.,

Domingos Lopes Fidalgo

ILUMINAÇÃO

E' de absoluta necessidade que sejam ultimados, sem demora, os trabalhos para a montagem de alguns candieiros aplicados á iluminação publica, no que se está procedendo com uma morosidade inexplicavel.

Estas ultimas noites, nebulosas e carregadas, teem produzido tal escuridão, que é perigoso percorrer as ruas lamacentas da cidade.

A quem compete, pedimos as indispensaveis providencias.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

O Judeu Errante

—(*)—

Cunha e Costa, aquela ventuinha politica que uma duzia de vezes tem sido republicano e outras tantas monarquico, acaba de se declarar outra vez republicano, aderindo agora *sinceramente* á Republica por estar convencido de que a restauração monarquica é impossivel e ser forçoso que todos os portuguêses que amam a sua Patria concorram para a consolidação do regimen...

— V. ex.ª é, pois, republicano. Mas de que partido?—perguntou-lhe alguem.

— Filiação partidaria é que não tenho ainda. As minhas inclinações são para o centro católico, mas nem isso mesmo é definitivo.

Ora não fixando ainda o habil advogado, que, com o cérebro, a lingua e as mãos ganha o dinheiro que quer, quando quer e como quer, as suas inclinações partidarias, de supôr é que dentro em bréve volte a dar acordo de si, reservando-nos novas surprêsas com que hade passar á posteridade se antes disso lhe não aproveitarem as aptidões de palhaço, reveladas em toda a sua vida publica.

REGRESSO Á PATRIA

Devem dentro em pouco regressar a Portugal todos os prisioneiros, nossos compatriotas, que estavam internados na Alemanha e muitos dos quaes já se encontram em Cherbourg preparados para a viagem.

Bemvindos sejam.

Uma carta

—(*)—

Em nosso poder, por copia, a que o antigo deputado republicano Alberto Souto escreveu *sobre as festas da Paz e da Vitória em Aveiro*, enviando-a á comissão que tomou sobre si o encargo de as realisar.

Alberto Souto, eximindo-se a dar o seu concurso aos projetados festejos de domingo, como lhe fôra solicitado, explica as razões porque o faz—o facto de ainda se conservarem suspensas as garantias; a prisão, por tempo indefinido, de pessoas que em Aveiro viviam e aqui teem as suas casas, as suas familias; a anormalidade, enfim, em que se arrasta a sociedade portuguêsa e a quê é preciso pôr côbro nesta hora de triunfo para a Liberdade, de vitória para a Democracia, encetando vida nova com o concurso de todos os republicanos, de todos os patriotas que queiram colaborar no resurgimento de Portugal, e a essa grande obra abnegadamente se dediquem.

Ao antigo colaborador de *O Democrata*, agradecemos-lhe, vivamente reconhecidos, a deferencia que para com ele teve, comunicando a sua resolução.

A nossa aliada

Está em Lisboa o cruzador inglez *Active*, a bordo do qual teem havido brilhantes festas, banquetes, etc.

O belo barco vem expressamente a Portugal em missão do governo inglez, a fim de saudar o nosso país e manifestar mais uma vez a cordealidade existente entre as duas nações aliadas ha seculos.

Crime nefando

—(*)—

Dupla tentativa de filicidio

De tempos a tempos a imprensa, em geral, dá-nos conta da consumação de factos, que desgraçadamente são a prova inconfundivel do atrazo e da profunda ignorancia em que ainda vive, por muita parte, o povo português, levado por isso e ainda por proversos instintos, á pratica de actos que pelo requinte da sua barbaridade, nos fazem estremecer de horror.

Ainda ha bem pouco aqui registámos um desses actos que pela sua hediondez nos causou calafrios, apavorando-se o nosso espirito na presença de tamanho crime, para o qual não encontrámos castigo bastante.

Referimo-nos áquela desgraçada creatura que, com um garfo, arrancou os olhos á sua propria mãe, porque esta *embruxava* dois filhos do algoz, netos da vitima!

Ha pouco tempo ainda, lêmos que um outro homem—uma besta féra—vivendo em desarmonia com a esposa, e tendo a mãe mostrado vontade na realisação de outro casamento, esperou que esta fosse a portadora duma refeição para alveja-la em pleno peito, matando-a com um tiro.

Em Santarem, um infame qualquer, maritimo, no mesmo dia que lhe morria, no hospital, a esposa, vitima da epidemia, violentava uma sua propria filhinha de 7 anos, que deixou ás portas da morte.

Pois desta vez coube-nos a sorte de, nos arredores da cidade, se desenrolar um novo crime, que pelas circunstancias de que foi revestido, exige, em nome de todos os principios, a mais completa e formal punição.

Vâmos, resumidamente, porque o espaço é pouco, fazer um sucinto relato do nefando crime, no cometimento do qual vemos desaparecer, o que não abunda até nas féras mais ferozes—o amor de mãe—sentimento sublime que eleva a mulher até ao proprio Deus.

No dia 14 do corrente, em Vilar, um logar que fica para o sul da cidade, a 3 quilometros, apareceu em casa de Manuel Ferrão, um homem que tem um pequeno carro puchado a um cavalo, para que aquele lhe pagasse o transporte de ali até Valongo, concelho de Agueda, de Viriato Henriques e sua mulher Deolinda Marques, que habitavam tambem em Vilar, e daquela gente conhecidos.

A esta exigencia foi observado que tal gente de nada tinha prevenido o interpelado e que isso não passava dum expediente para lograr o condutor, que dá pela alcunha de Manuel das Vacas.

Depois de ligeira troca de explicações, nasceu então a suspeita dum crime e, dado o alarme, várias pessoas se dirigem ao casébre que servia de habitação ao miseravel casal, convidando para as acompanhar o sr. Bernardo Lopes, amanuense do corpo de policia civica, desta cidade, e que tambem habita naquele logar.

Chegados junto á habitação, logo se convenceram que uma creança estava ali, não só porque a ouviram chorar como porque ela metia a mão por uma fricha da porta, tentando denunciar a sua presença.

Havendo receios da parte do publico em arrombar a porta, o snr. Bernardo Lopes tomou essa resolução, visto que tendo-se ausentado os paes das creanças no dia 12, estas estavam, portanto, abandonadas ha dois dias, tornando-se logica e humanamente indispensavel que fosse prestado socorro ás infelizes sem demóra dum minuto.

Arrombada uma janela e franqueada depois a entrada pela porta, o quadro que se deparou aos olhos dos circunstantes foi o mais doloroso e claramente indicador da premeditação dos mais crueis dos crimes—deixar morrer ao abandono as duas creancinhas.

Nada existia dentro do nauseabundo casébre, a não ser, num canto, alguma palha e dejectos de toda a especie, exalando um cheiro pestilencial.

As creanças, uma menina de 7 mezes e um rapazinho de 36, estavam completamente nús. A menina, que tem o nome da execranda mãe, desmaiada, com as costas e nuca cheias de feridas, num lago de imundicie, sobre a terra. O menino, sentado junto á porta, num estado de sofrimento e porcaria que dolorosamente consternava o coração do mais duro observador. Prestados os socorros indispensaveis que toda aquela bôa gente, num impulso de compaixão e de bons sentimentos, se apressou a dispensar, fornecendo roupas, lavando, acariciando os desgraçadinhos, vitimas de tão nefanda crueldade, conseguiram reanimar a menina, ficando esta entregue aos cuidados da familia de João da Graça e o menino Antonio, ao encargo da de Antonio da Silva.

O sr. Bernardo Lopes, que tomou com decidido empenho todas as providencias que o caso requeira, participou o sucedido á autoridade competente, telegrafando-se em seguida para Agueda a solicitar a prisão dos infames paes.

Estes, porêm, não foram encontrados, visto terem regressado a pé e ao chegarem a Vilar, no dia 15, á tarde, tentaram desculpar-se da maneira a mais cinica e revoltante, pretendendo a mãe beijar os filhos, ao que se opôz toda aquela gente, que acudiu quando constou terem regressado os criminosos e se não fôsse ainda a intervenção do sr. Lopes, que os prendeu e conduziu para esta cidade, talvez numa justificada revolta se tivesse ali mesmo feito a verdadeira justiça.

Os criminosos, que já foram entregues ao poder judicial, dando entrada na cadeia, são, como já dissémos, Deolinda Marques, filha de Manuel Marques e de Rosalina Marques, de 22 anos, natural de Eixo e Viriato Henriques, filho de José Henriques e Quiteria Maria de Bastos, de 31 anos, natural de Valongo, do proximo concelho d'Agueda.

Estas duas creaturas, ainda que aptas para o trabalho, entregam-se á mendicidade, arrastando uma vida de miseria, com doloroso reflexo para as desgraçadinhas creanças que ha muito sofriam os horrores de uma crueldade sem nome.

O estado da creança mais nova é autenticamente comprovativo desta verdade.

Aqui fica, em resumida descrição, o horroroso crime que se pretendeu cometer e da dureza e hediondez do mesmo, avalie o leitor.

PELA IMPRENSA

"Jornal de Alemquer,,

Ainda que um pouco tarde, não queremos deixar passar o aniversario deste nosso presado confrade sem, por esse facto, o cumprimentarmos, visto pertencer ao numero dos jornaes de provincia que mais se teem salientado na defêsa dos autenticos principios republicanos, pugnando pela Verdade e pela Justiça.

O *Jornal de Alemquer* é um semanario que honra a terra onde vê a luz da publicidade, os seus brilhantes colaboradores e o regimen.

Os nossos parabens, pois.

"O Cinco de Outubro,,

Orgão do Centro Republicano Cinco de Outubro, fundado na Guarda, com o fim patriotico de congraçar todos aqueles que trabalham e lutam pela defêsa e engrandecimento das instituições, acaba de surgir naquela cidade um novo jornal, cujo aparecimento saudâmos por ser dirigido por um velho democrata—Alexandre Barbas—e vir enfileirar ao lado dos que, sem compromissos partidarios, só pensam hoje em restituir á Republica o que os seus falsos adeptos lhe tiraram, colocando-a á beira do abismo.

Oxalá possa caminhar sem atritos e veja em bréve coroados do melhor exito todos os seus esforços.

A conferencia da paz

Os drs. Egas Moniz, Vasconcelos e Sá, Freire de Andrade, Penha Garcia, Espirito Santo de Lima, Santos Viegas, Machado Vilela, Batalha Reis, general Garcia Rosado e Alberto de Oliveira, nosso ministro na Argentina, constituem a comissão encarregada dos estudos preparatorios relativos á conferencia da paz, estudos que se estão realisando dentro e fóra do país.

O sr. secretário de Estado dos Negocios Estrangeiros deve partir domingo para Paris a tratar de assuntos que se prendem com a nossa intervenção na conferencia da paz, sendo provavel que o acompanhem alguns dos membros da comissão de estudos citada, dos quais devem saír alguns dos delegados á conferencia.

A escolha do sr. Batalha Reis para tomar parte nestes trabalhos, fundamenta-se em especial no brilhante relatorio que escreveu a pedido do governo inglez e com autorisação do nosso, sobre a situação geral na Russia, quando regressou daquele país onde esteve como nosso ministro.

Por Moçambique

—(*)—

O SULTÃO DO MOSSURIL em cheque e á prova

A CAMINHO DA MORALIDADE?

Os seguintes documentos, que veem em reforço de alguns artigos aqui publicados sobre a individualidade que toda a provincia de Moçambique conhece de sobra, aparecem hoje como inicio da campanha que vâmos continuar a favor da moralidade na importante colonia portuguêsa, cujo saneamento se impõe e a parte sã solicita com o maximo empenho:

Ex.^mo Sr. Presidente e vogaes do Conselho do Distrito:

Competindo a este Conselho, alêm doutras atribuições de caracter tutelar, a faculdade de recomendar á iniciativa dos corpos e corporações municipaes os melhoramentos do respectivo concelho, dando-lhe todas as indicações e instrucções necessarias ao bom desempenho dos serviços nos termos do art. 80.º, n.º 2.º da Reorganisação Administrativa de 23 de maio de 1907, e estando chegada a época em que os respectivos orçamentos ordinarios devem subir á apreciação deste Conselho, requer o abaixo assinado, na qualidade de vogal em exercicio, que das Edelidades de Mossuril, Memba e Augoche se solicitem com a maxima urgencia os seguintes esclarecimentos, relativos ao periodo de 1907 até esta data:

—Nota das verbas orçamentaes em cada ano, para construcção ou abertura de poços na area das Edelidades, com indicação das quantias realmente dispendidas e da aplicação que tiveram os respectivos saldos;

—Nota do numero de poços abertos ou construidos em cada ano, locaes onde o foram e quais os que actualmente existem;

—Nota das quantias dispendidas em cada ano com machambas ou outros predios rusticos das Edelidades, indicando quanto possivel a natureza dessas despezas;

—Nota das receitas em cada ano dos mesmos predios ou machambas, descriminando-se quanto possivel a sua natureza ou proveniencia;

—Indicação dos principaes melhoramentos efetuados na séde ou povoação da area das Edelidades, especialmente dos que aproveitem ás populações indigenas.

E pela Edelidade do Mossuril:

—Se foi ou não construido um cemiterio na Cabaceira Pequena e se foi ou não realisado qualquer melhoramento no desembarcadouro da Cabaceira Grande, como foi recomendado em Acordão deste Conselho de 4 de Junho de 1915, sob o n.º 15, publicado no *Boletim Oficial*, n.º 1, 2.ª série de 1916. Caso o não tenham sido, a razão porque o não foram e qual a aplicação que tiveram as verbas para esse fim orçamentadas, e respectivas autorisações;

—Nota das importancias dispendidas em cada ano e no referido periodo de 1907 até ao presente, na compra ou aquisição de pedra, cal e madeiras, descriminadamente com indicação dos respetivos fornecedores.

Requer mais que o presente requerimento seja integralmente transcrito na acta da sessão.

Moçambique, 2 de Maio de 1917.

(a) **Anibal de Carvalho**
Vogal suplente em exercicio

* * *

Ex.^mo Sr. Encarregado da Edelidade de Mossuril:

Anibal Pinto de Carvalho, proprietario e negociante no Lumbo e vogal em exercicio do Conselho de Distrito, requer a V. Ex.ª se digne mandar certificar-lhe narrativamente e com a possivel urgencia, o seguinte respeitante ao periodo de 1907 até esta data:

1.º—Quais as verbas orçamentadas em cada ano para construção ou abertura de poços na area da Edelidade, e bem assim quais as importancias que realmente foram nisso dispendidas e a aplicação que tiveram os respectivos saldos;

2.º—Qual o numero de poços abertos ou construidos em cada ano, locaes, e não apenas localidades em que o foram, e quais os que actualmente existem;

3.º—Quais as quantias dispendidas em cada ano com machambas, ou outros predios rusticos da Edelidade, indicando quanto possivel a natureza dessas despezas;

4.º—Quais as receitas em cada ano dos mesmos predios ou machambas, por cada ano um e descriminando quanto possivel a sua natureza ou proveniencia;

5.º—Se foi ou não já construido um cemiterio na Cabaceira Pequena, e se foi ou não realisado qualquer melhoramento no desembarcadouro da Cabaceira Grande, como foi ordenado em Acordão do Conselho do Distrito n.º 15 de 4 de Junho de 1915, *Boletim Oficial* n.º 1 de 1916; no caso afirmativo, quais as importancias respectivamente despendidas e de contrario, os motivos porque não foi dado cumprimento a essa parte do referido Acordão; qual a aplicação que tiveram as verbas para esse fim orçamentadas, e a respectiva autorisação tutelar para a sua transferencia;

6.º—Quais as importancias dispendidas em cada ano na compra ou aquisição de pedra, cal e madeiras descriminadamente com indicação dos respectivos fornecedores e da importancia dos fornecimentos de cada ano.

Pede deferimento.

Mossuril, 23 de Junho de 1917.

(a) **Anibal de Carvalho**

* * *

Ex.^mo Snr. Encarregado da Edelidade de Mossuril:

Anibal Pinto de Carvalho, proprietario e negociante no Lumbo, vogal em exercicio do Conselho do Distrito, requer a V. Ex.ª se digne mandar passar-lhe com a possivel urgencia uma certidão narrativa donde conste quais são os predios rusticos e urbanos pertencentes a esta Edelidade, sua situação, designação, confrontações e género de cultura, ou uso a que estão ou tenham estado destinados.

Pede deferimento.

Mossuril, 23 de Junho de 1917.

(a) **Anibal de Carvalho**

* * *

Ex.^mo Snr. Encarregado da Edelidade de Mossuril:

Anibal Pinto de Carvalho, proprietario e negociante no Lumbo, vogal em exercicio do Conselho do Distrito, requer a V. Ex.ª se digne mandar passar-lhe uma certidão narrativa da qual conste o numero e especie de gados que esta Edelidade possue, e qual o seu valor, aproximadamente.

Pede deferimento.

Mossuril, 23 de Junho de 1917.

(a) **Anibal de Carvalho**

* * *

Ex.^mo Snr. Encarregado da Edelidade de Mossuril:

Anibal Pinto de Carvalho, proprietario e negociante no Lumbo, vogal em exercicio do Conselho de Distrito, tendo requerido, em 23 de Junho ultimo, certidões de diversos factos respeitantes á administração da Edelidade, atualmente a cargo de V. Ex.ª, e não lhe tendo ainda sido passadas as mesmas certidões nem sobre o pedido, havendo despacho, porque, segundo foi informado, quando a alguns dos mesmos factos obsta a carencia de elementos de informações, mas parecendo-lhe que tal circunstancia não deve impedir que V. Ex.ª lhe mande certificar *o que constar*, podendo quanto as mais certificar-se que não existem elementos para se deferir ao requerido, pois que o requerente tem urgencia nos documentos que pediu, e a demora produz infracção do disposto no art. 27.º do Codigo Administrativo em vigor, incurso na sanção do art. 410.º, § unico, vem ao abrigo do disposto no art. 437.º do mesmo Codigo, requer a V. Ex.ª se digne mandar passar-lhe, com urgencia, as certidões requeridas, ou declarar-lhe por despacho os motivos porque o não pódem fazer.

Pede deferimento.

Mossuril, 3 de Agosto de 1917.

(a) **Anibal de Carvalho**

RECTIFICAÇÃO

Escreve-nos um cavalheiro da Costa do Valado, que se diz amigo do inditoso dr. José Sobreiro, recentemente falecido em Vagos, a contestar que ele tivesse aparecido morto, como neste jornal fôra noticiado, mas fa-lo com uma dóse tal de reservados intuitos que se não nos deixa de todo ás aranhas faz-nos, todavía, pensar que se essa versão se espalhou é porque alguem a trouxe do visinho concelho e assim chegou até nós, dando origem ao relato como se verdadeira fôsse.

Quer, porêm, o citado cavalheiro da Costa que o facto se não tenha dado? Seja. Mas para isso escusava, talvez, de falar em amigos de Peniche, porque desses, se os teve o *saudoso extinto* ou não, que o diga a consciencia daqueles que o abandonaram na hora extrema, quando, agonisante, pedia que lhe levassem os filhos, que os queria vêr, que os queria beijar e, persurosos, se lhe introduziram em casa, dando ordens, arrumando coisas, como se o seu dever de amigos efectivamente já estivesse cumprido.

Forte coisa é uma pessoa andar á procura dos mais insignificantes pretextos para se tornar saliente.

Notas mundanas

Embarcou e vai a esta hora a caminho de S. Tomé, Africa Ocidental, o distinto causidico de Oliveira de Azemeis, dr. Sá Couto, a quem acompanha sua esposa.

Feliz viagem.

— Está nesta cidade, fazendo parte da divisão de artilharia 6 adida a cavalaria 8, o segundo sargento Eduardo Vieira das Neves, genro do proprietario do estabelecimento A Mobiliadora, *snr. José Augusto Ferreira.*

— Retirou para Matosinhos afim de assumir a direcção da fabrica do gaz naquela localidade, o sr. Francisco Reinal, que em Aveiro desempenhou identicas funções, conquistando a simpatia publica.

Muitas felicidades.

UMA QUEIXA

—(*)—

Certo individuo apresentou-se ha dias na redacção do nosso colega lisbonense, *Jornal da Tarde*, e contou que pelas alturas do dia 20, fôra violentamente agredido por um numeroso grupo de cidadãos, que lhes causaram fortes contusões sem que ao brutal procedimento tivesse dado qualquer razão, visto ter dispensado sempre as maiores provas de atenção ao sr. dr. Sidonio Paes e a muitas colectividades que apoiam a atual situação.

O *Jornal da Tarde* limita-se a constatar o facto e por aí se fica. Pois o que havia ele de dizer de consolador para o correligionario se naturalmente correligionarios foram que aplicaram a pastilha ao ex partidario do sr. Afonso Costa?

Coitado do homem! Possue tanto bôjo que ainda se queixa...

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 20

(Retardada)

DR. JOSÉ SOBREIRO

Já não é do numero dos vivos este meu dilecto amigo e estimavel conterraneo.

A noticia da sua morte, que correu veloz por toda a povoação ás primeiras horas da manhã de segunda-feira, deixou-me, não só a mim como a toda a gente, preso á mais funda consternação, pois nos tinhamos habilitado a vêr no inditoso moço raros predicados de afectibilidade paternal juntamente com outros atributos que o tornavam estimado de quantos o conheciam e com ele conviviam.

Filho dum homem que toda a Costa respeitava e herdeiro duma avultada fortuna, o dr. José Rodrigues Sobreiro podia ter vivido uma vida menos acanhada, com outra amplitude, se não fosse o que se chama um filosofo. Era conservador do Registo Predial em Vagos, sem necessidade, logar a que dedicava quasi todo o tempo, passando o restante em continuo convivio com os dois filhinhos que possuia do matrimonio, ora orfãos de pae e mãe, e aos quais consagrava toda a ternura da sua alma, a maior das afeições. Foi naquela vila onde a gripe pneumonica o prostrou em poucos dias. O seu cadaver, porêm, veio para o cemiterio da Oliveirinha, sendo acompanhado por alguns amigos, que se encorporaram no funeral realisado ontem depois da encomendação na capela privativa da casa. Da Costa de Valado póde dizer-se que ninguem faltou. Nele tomaram parte as duas irmandades da terra e atraz do ataude, conduzido no mesmo côche que o trouxe de Vagos, os seus amigos, alguns empunhando corôas onde se liam sentidas dedicatorias, mas nenhum de Aveiro, mórmente daqueles que em época de eleições lhe não saíam da porta, como o Conde de Agueda e outros que lhe andavam ou andam acorrentados e cuja ausencia se tornou bastante reparada.

Desventurado dr. Sobreiro! Rico, de nada lhe valeu a fortuna, tão pouco dela se gosou, para tão pouco ela lhe serviu.

Morreu cêdo, aos 38 anos, vitima mais da sua incuria, do seu feitio, do que propriamente da doença, tantos eram os meios de que podia dispôr para a combater com exito e evitar assim o desastre que provém do seu aniquilamento para os dois inocentes, agora desprovidos do carinho do pae, unico que lhes restava depois de bem novos terem perdido o conforto da mãe.

Profundamente lamentavel.

—— A epidemia por aqui e circunvisinhanças parece que tende a diminuir. Só na Povoa de Valado se teem dado novos casos, mas poucos, pelo que se supõe que dentro em bréve desapareça o terrivel mal do país onde tantos milhares de vitimas causou, enlutando inumeras familias.

Terrivel coisa.

C.

N. da R.—Esta correspondencia, que devia ter saído no numero passado, não o foi, devido á absoluta carencia de espaço, do que pedimos desculpa não só ao nosso solicito correspondente, mas tambem aos inumeros leitores que contamos em toda a freguezia da Oliveirinha.

Concurso

A comissão administrativa da Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis, faz público que abre concurso por espaço de 30 dias, a contar da segunda publicação no *Diario do Govêrno*, para o provimento do logar de carcereiro das cadeias desta comarca, com o ordenado anual de 72$00 e respectivos emolumentos.

Os concorrentes deverão apresentar na secretaría da Câmara, dentro do referido praso, os documentos legais.

Oliveira de Azemeis, 25 de setembro de 1918.

O vice-presidente da ocmissão,

Antonio da Silva Nunes